Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.985
ESTUDOS BÍBLICOS

A cura da sogra de Pedro, em Mc 1,29-31, como paradigma da "igreja em saída"

The healing of Peter`s mother-in-law, in Mk 1,29-31, as a paradigm of the "church which goes forth"

Cézar Augusto Garcia* e Ildo Perondi**

* Pós-graduado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestrando na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil
imperador13@hotmail.com

** Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana. Professor no Studium Theologicum, Curitiba, Brasil, e na Faculdade Vicentina, Curitiba, Brasil
ildoper@gmail.com

Recebido em: 17/08/2023
Aprovado em: 23/07/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a perícope da "cura da sogra de Pedro" (Mc 1,29-31) como paradigma para o conceito de "igreja em saída", baseado nos gestos e ações de Jesus na primeira cura no evangelho mais antigo. Encontramos, no relato da cura sogra de Pedro, como Jesus, tendo saído da sinagoga de Cafarnaum, foi até a casa da sogra de Pedro e encontrou-a prostrada de febre e, no gesto de aproximar-se e tocar a sua mão, levantou-a imediatamente, e como depois a sogra se pôs a servi-los. Queremos, por meio do método histórico crítico, verificar o significado das curas e exorcismos na missão do Jesus histórico junto ao significado simbólico, como ações estratégicas da missão de Jesus no anúncio e na atuação como Reino de Deus. Pelas ações dos personagens, os discípulos e Jesus, na interação com a sogra de Pedro que estava acamada, objetivamos encontrar o significado de seguimento e discipulado. Como ações de Jesus numa casa, compreendemos que a aproximação e o toque são sinais da acolhida de Jesus no ambiente específico da Galileia. Levantar e servir são ações interpretadas em chave hermenêutica como atualização em palavras e atitudes a uma prática pastoral de igreja em saída.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Cura. Milagre. Jesus. Papa Francisco.

Abstract

The objective of this article is to analyze the pericope of the "healing of Peter's mother-in-law" (Mc 1,29-31) as a paradigm for the concept of "church on the go", based on the gestures and actions of Jesus in the first healing of the oldest gospel. We find, in the account of Peter's mother-in-law's healing, how Jesus, having left the synagogue of Capernaum, went to the house of Peter's mother-in-law and found her prostrate with fever and, in the gesture of approaching and touching her hand, lifting up immediately, made then served. We want, through the critical historical method, to verify the meaning of cures and exorcisms in the mission of the historical Jesus along with the symbolic meaning, as strategic actions of His mission in announcing and acting as the kingdom of God. Through the actions of the characters, the disciples and Jesus, in the interaction with Peter's mother-in-law who

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

was bedridden, we aim to find the meaning of following and discipleship. As Jesus' actions in a house, we understand that approaching and touching are signs of Jesus' welcome in the specific environment of Galilee. Raising and serving are actions interpreted in a hermeneutic key as updating in words and attitudes the pastoral practice of a Church which goes forth.

Keywords: Gospel of Mark. Cure. Miracle. Jesus. Pope Francis.

1 Introdução

No evangelho de Marcos temos, logo no primeiro capítulo, juntamente com a expulsão do demônio na sinagoga (1,23-28), a passagem da "cura da sogra de Pedro" (1,29-31) como primeiras ações de milagres de Jesus. O texto que nos propusemos a estudar é a perícope da "cura da sogra de Pedro", que é um dos primeiros relatos de milagre no Evangelho de Marcos. O objetivo é analisar o milagre no contexto do evangelho mais antigo; verificar, a partir do método histórico crítico, utilizando-se também da análise literária, como se pode efetuar a sua interpretação ao lado do conceito de igreja em saída, proposto pelo magistério dos últimos anos, como atualização do ministério de Jesus na contemporaneidade.

O Evangelho de Marcos inicia com a afirmação: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus" (Mc 1,1). O Evangelho (a boa notícia) está nas ações e palavras de Jesus que são narradas pelo evangelista. A cura da sogra de Pedro está entre as primeiras ações de Jesus.

O caminho para se chegar até os textos dos evangelhos passou por algumas etapas, entre a existência do Jesus histórico e a escrita dos textos. Em primeiro lugar, os evangelhos foram anunciados pela pregação apostólica, no ambiente de fé e de missão, característico da primeira hora. Entre as etapas, o conteúdo da pregação foi sendo reunido de acordo com as necessidades do auditório e para responder aos diversos problemas das comunidades. Contudo, não se pode deixar de afirmar que os evangelistas são também verdadeiros autores, pois além de reunir a tradição originada em torno de Jesus, também acrescentam seu peculiar estilo literário, sua maneira de ajustar, selecionar e ordenar a tradição dentro de sua ótica teológica (MONASTERIO; CARMONA, 2012, p. 38).

Durante muito tempo o Evangelho de Marcos foi considerado um texto compilado de Mateus, isso se deve, entre outros motivos, ao testemunho de Santo Agostinho , mas a partir do século XIX, com o advento da exegese moderna, é que o Evangelho de Marcos, começou a ocupar uma posição de primeiro plano, graças à consideração de Marcos como uma das fontes de Mateus e Lucas, uma verdadeira revolução, que proporcionou ao segundo evangelho um papel-chave para a compreensão da tradição de Jesus, transmitida na primeira comunidade cristã, por meio da pregação, da catequese e da liturgia. Marcos foi o teólogo da primeira hora, criador do gênero literário "evangelho", foi o primeiro autor a conjugar o testemunho de fé à narração da história de Jesus (PEREGO, 2011, p. 12-16). Segundo Myers (2021, p. 36), o evangelho mais antigo ocupa o centro dos esforços críticos de reconstituição da vida de Jesus. Marcos seria como um crisol, por meio do qual as novas estratégias de leituras são testadas e até superadas.

Do evangelho mais antigo, temos, logo no primeiro capítulo, juntamente com a expulsão do demônio na sinagoga (1,23-28), a "cura da sogra de Pedro" (1,29-31) como primeiras ações de milagres de Jesus. Nesta seção, após a prisão de João Batista; Jesus vai para a Galileia e lá proclama a boa nova do Reino de Deus (1,14-15), em seguida chama os discípulos (1,16-20), depois é narrado um dia típico da atividade de Jesus (1,29-39), em Cafarnaum, de onde se extrai o nosso texto.

Nos outros evangelhos sinóticos, a cura da sogra de Pedro, igualmente se encontra na primeira parte dos escritos que situam a atividade de Jesus na Galileia.

Em Mateus (8,14-17) o texto não é precedido pela saída da sinagoga. Os dez milagres iniciais de Mateus começam depois do Sermão da Montanha e terminam com a cura do mudo em Mt 9,32-34, como que afirmando o Reino em palavras e obras (PIKAZA, 1978, p. 21.55).

Em Lucas, o relato da sogra de Pedro está na seção de 4,14 até 5,16, chamada também de primeira atividade de Jesus na Galileia, precedida da proclamação do Reino na sinagoga de Nazaré, onde Jesus revela o Reino de Deus em palavras e obras, por meio de uma sequência de encontros e eventos de libertação (FABRIS; BARBAGLIO, 2006, p. 18).

Procuramos nos limitar ao estudo da cura da sogra de Pedro, em Marcos 1,29-31, que apresenta as primeiras ações de cura de Jesus no evangelho de Marcos, numa divisão geralmente aceita pelos estudiosos, devido às características narrativas reveladas pelo movimento e geografia, e assim, adotaremos para a seção o termo perícope como partes de um texto conforme Born (1977, p. 1182-1183).

Na perícope, da cura da sogra de Pedro, em Marcos, destacam-se, em nosso estudo da ação de Jesus, os verbos: ἐξελθόντες, "tendo saído"; ἤγειρεν αὐτὴν, "fazer levantar" e διηκόνει, "servia-os".

O texto sobre a cura da sogra de Pedro é uma narração a respeito de um milagre de Jesus. As narrativas de milagres bíblicos têm uma história da interpretação, muito dependente da investigação sobre os evangelhos, também chamada de "procura" do Jesus histórico.

Metodologicamente utilizamos da análise do texto de Marcos, priorizando o método histórico crítico, em seus elementos mais essenciais juntamente com a análise literária, conforme Silva (2009, p. 83-174), mas também outras abordagens a fim de interpretarmos a perícope do milagre da sogra de Pedro como paradigma da igreja em saída e sobre o discipulado.

2 Contexto Literário

No evangelho de Marcos, além da cura da sogra de Pedro, encontramos abundantes narrativas de milagres. Segundo Gnilka (1987, p. 81) o relato da cura da sogra de Pedro é portador dos elementos imprescindíveis do gênero narrativo de milagres como: descrição da situação da pessoa enferma; cura e confirmação da cura, sendo o único de todo o conjunto da tradição sinótica de milagres que se desenvolve no mais estrito círculo dos discípulos.

Conforme Monasterio e Carmona (2012, p. 40), a forma narrativa é a que mais se adequa ao se referir ao agir único e imprevisível de Deus na história e, também, é a forma sobre a qual a teologia judaico-cristã se exprimiu com maior abundância. Mesmo quando uma narrativa não corresponde totalmente a um dado histórico, ainda assim sua historicidade não prejudica o valor referencial do relato.

Segundo Koester (2005, p. 51) o material narrativo dos milagres realizados por Jesus presentes em Marcos se originam de fontes comuns e estão influenciados pela chamada

"aretologia"[1], muito comum na literatura da época, ao narrar os grandes atos de um deus ou herói. Porém, Kummel (1982, p. 35-36) afirma que o evangelho é gênero literário único.

Os milagres em Marcos estão a serviço de sua cristologia de manifestação como revelações do poder divino. Segundo Boring (2016, p. 930-931), os milagres, ao narrar a potência das ações de Jesus diante da vida ameaçada, eram uma forma de confissão de fé. Assim, encontramos narrativas de milagres de libertação da fome como as duas multiplicações de pães (6,30-44; 8,1-10); milagres da natureza como a tempestade acalmada (4,15-41); milagres da libertação dos inimigos da vida como das doenças físicas e possessões (1,29-34; 5,1-20); libertação do endemoninhado na sinagoga e curas na casa da sogra de Pedro; a purificação de um leproso (1,40-45); a cura de um paralítico (2,1-12); em seguida após algumas controvérsias com os fariseus e as espigas arrancadas, a cura de um homem com a mão atrofiada (3,1-6) e exorcismos (3,7-12). Depois de ensinamentos sobre puro e impuro (7,1), Jesus cura a filhinha da mulher siro-fenícia (7,24-30).

Entre as curas, como manifestações de sua cristologia e recuperação da vida, encontra-se uma cura (5,21-43), como que do inimigo final: a morte (BORING, 2016, p. 932). Depois da confissão de Pedro em Cesareia, Jesus cura um cego (8,22-26). Após revelar-se na Transfiguração e ordenar que não contassem nada a ninguém, ele cura um mudo (9,14-29). Chama atenção, que após alguns milagres de Jesus, ele mesmo pede segredo como em 1,44 e 5,43. Segundo Marguerat (2009, p. 67), há aqui um esforço de ruptura de Marcos das imagens de salvação oferecidas pelos relatos de cura da cultura helênica.

3 Os milagres de Jesus como representação e modelos de ação

Ao analisar um milagre de Jesus como paradigma da igreja em saída, imediatamente se apresenta diante de nós a delicada tarefa sobre a realidade dos milagres em si e a pergunta sobre como de fato aconteceram. Em nosso estudo, verificamos que os milagres de Jesus gozam de grande atualidade entre os exegetas e historiadores. Os autores que foram selecionados são aqueles que situam os relatos de milagres dentro do contexto de sua época e de sua cultura, através da análise dos textos, para descobrir sua intenção significativa. Esta tarefa foi enfrentada pelos estudiosos na "procura" do Jesus histórico.

A primeira tentativa está relacionada com o período da primeira busca sobre o Jesus histórico, que se estende desde meados do século XVIII até os primeiros anos do século XX com a descoberta do "segredo messiânico"[2], por W. Wrede (OPORTO, 2002, p. 6).

Depois, a busca pelo Jesus histórico, passou pelo chamado ceticismo: ambiente, que ocupou quase meio século, em seguida abriu outro caminho para um estudo crítico dos

[1] Gênero especial de biografia de um homem divino *theios aner*, com dotes sobrenaturais, que realiza milagres (BROWN, 2004, p. 175).

[2] O "segredo messiânico" consiste na afirmação, por meio da análise do texto de Marcos (1,34.44; 3,12;5,43; 7,36; 8,26.30; 9,9), de, nas diversas perícopes em que Jesus pede segredo acerca de sua pessoa, diante dos milagres e exorcismos, ser um recurso teológico do autor que Jesus "nunca teria afirmado ser o messias e que o título foi dado pelos primeiros judeus-cristãos, e que os pedidos para manter em segredo, constantes no texto, eram um modo de explicar por que ele não fora aceito como messias pelos judeus, sendo Marcos o primeiro testemunho desse segredo" (MCKENZIE, 1984, p. 533).

evangelhos com Rudolf Bultmann. Surge a comparação com novos textos religiosos, o ambiente geográfico onde se desenvolveu, o estudo de milagres em outras religiões (BARTOLOMÉ, 2002, p. 23-25).

Em seguida, surge a nova pesquisa, que compreende um período que se situa entre 1953 e 1985, que podemos chamar de "segunda procura". Característica importante desse período é recuperar um mínimo de tradição sobre o Jesus anterior à Páscoa, descartando das tradições evangélicas todos aqueles elementos derivados do judaísmo e do cristianismo primitivo (OPORTO, 2002, p. 12).

Uma terceira etapa da pesquisa sobre o Jesus histórico, que pode ser chamada de "terceira procura", serve-se de elementos a partir da evolução das ciências sociais (BARTOLOMÉ, 2002, p. 35).

Não se pode deixar de reconhecer, o abundante testemunho de milagres no evangelho de Marcos, o que por si, desperta a curiosidade de sua importância no plano teológico do autor. Diversas tentativas foram empreendidas no sentido da interpretação dos milagres; desde o racionalismo do século XVIII até os primeiros anos do século XX com a descoberta do "segredo messiânico", por W. Wrede; passando pela análise das formas com Bultmann (1884-1976), até o estágio atual da procura sobre o Jesus histórico que não pergunta apenas sobre a historicidade dos fatos, mas reconhece o critério de plausibilidade histórica. Isso se deve à contribuição das ciências sociais, como a antropologia e história[3].

Tal contribuição, fruto da "terceira procura" do Jesus histórico, permite analisar os milagres de Jesus, dentro da cosmovisão do mundo antigo, pois estamos acostumados com a cultura ocidental, desde o pensamento grego, em que os milagres são acontecimentos maravilhosos para além das leis naturais. No tempo da escrita dos evangelhos, o milagre não era considerado ruptura da ordem da natureza (MEIER, 2000, p. 714).

A narrativa de milagres afirma-se como representação que pode resgatar dimensões culturais mais profundas, pois em qualquer narrativa subjaz um entendimento simbólico (MYERS, 2021, p. 37-38). A pesquisa sobre os milagres continua servindo-se de uma certa interdisciplinaridade[4]. Os milagres são analisados com o auxílio das ideias, imagens, práticas, inscritas em textos, inscrições, poesias, presentes no cotidiano.

Assim, Reimer (2021, p. 55-63), pergunta não apenas sobre a veracidade dos milagres, mas sobre a verdade. Segundo afirma, a verdade é dada pelo princípio de não contradição. Sendo a narrativa uma mediação, um terceiro tempo, também é portadora de um poder simbólico que mobiliza e controla a vida social do dizer e do fazer crer. A narrativa

[3] Convém salientar a esse respeito que a renovada volta ao Jesus histórico está influenciada por uma nova concepção de história, por exemplo, que o relato do acontecido inclua o sentido do narrado. Também se verificam algumas mudanças, como o estudo de blocos da tradição evangélica, que se desloca para o estudo da atividade redacional dos evangelistas (BARTOLOMÉ, 2002, p. 27).

[4] O fenômeno de cura pode ser estudado como resultado do conceito transcultural da época, da mitologia, das forças externas responsáveis por desigualdades sociais. Vários enfoques novos, como a teologia do corpo e a preservação da imagem de Jesus humano, tão presentes nos sinóticos, que se aproxima das pessoas, podem ser considerados. Ainda, deve ser salientada a reflexão que toma as ações simbólicas, entre elas a representação como instrumento de acesso e compreensão de narrativas de curas e exorcismos de Jesus (REIMER, 2021, p. 5-13).

não pode ser considerada verdadeira na perspectiva histórica e sim na perspectiva da história narrativa. É uma verdade narrativa. A conclusão é que a narrativa de milagres serve tanto no sentido de representar simbolicamente o ambiente de Jesus, como para motivar modelos de ação e seguimento.

4 Análise de Mc 1,29-31

4.1 Delimitação e estrutura

O relato da cura da sogra de Pedro (1,29-31) está situado na seção de Mc 1,21-35, chamada por muitos estudiosos como "a Jornada de Cafarnaum". Em sentido mais amplo, o texto está situado na primeira parte do Evangelho (1,14–8,30). Essa unidade tem um âmbito geográfico mais preciso situado na Galileia. A segunda parte do Evangelho de Marcos apresenta o caminho até Jerusalém (8,31–10,52), que culmina com a paixão e ressurreição (11,1–16,8).

Dentro da unidade 1,14–8,30, quando se divide o texto em seções, a primeira, é a que se inicia com a atividade do João Batista (1,14), precedida por uma pequena introdução (1,1-14). Após esta seção, temos o início de uma outra que se estende de 1,14–3,6 e se divide em seções. Nesta unidade, após a prisão de João Batista; Jesus vai para a Galileia e lá proclama a boa nova do Reino de Deus (1,14-15), em seguida chama os discípulos (1,16-20), depois é narrado um dia típico da atividade de Jesus (1,29-39), em Cafarnaum, de onde se extrai o nosso texto.

O "dia típico" em Cafarnaum compreende as perícopes da sinagoga, da casa da sogra de Pedro e das curas na porta da casa. Da sinagoga, onde acontece a pregação de Jesus e a libertação de um endemoninhado, Jesus vai à casa de Simão e André como se quisesse retomar o chamado dos discípulos (1,16-20) para serem pescadores de homens. Depois, a cura da sogra de Pedro na casa e, na sequência, as curas na porta da casa à tarde. Assim, se desenvolve um esquema de movimento e geografia desde a sinagoga como casa da instituição onde está um endemoninhado, até a casa da sogra, de onde ela os serve e a porta da casa, onde trazem os enfermos, tudo num dia de sábado (PIKAZA, 1978, p. 261).

Assim disposto num esquema de duplo passo: saída da sinagoga e curas na casa, Marcos apresenta as primeiras ações do ministério de Jesus como inseridas na sua apresentação em ações de poder. Logo depois da pregação de João Batista, Jesus chama os discípulos que imediatamente o seguem, proclama sua palavra de autoridade através do domínio sobre o endemoninhado na sinagoga, mas também sobre a febre na casa e, em seguida, sobre os doentes na porta da casa (BORING, 2016, p. 952). Quando termina a jornada, ele se retira para rezar e, procurado pelos discípulos, responde que deve ir a outros lugares (1,38-39), o que se conclui com o sumário de curas de doentes por toda a Galileia.

4.2 Análise de Marcos 1,29-31

A seguir, algumas notas ao relato de Mc 1,29-31, a partir do texto grego, a serviço do plano de escrita de Marcos, e seus paralelos em Mateus e Lucas.

Apresentamos o texto em grego, conforme disposto por Aland e Metzer (2014, p. 98):

> Καὶ εὐθὺς ἐκ τῆς συναγωγῆς ἐξελθόντες ἦλθον εἰς τὴν οἰκίαν Σίμωνος καὶ Ἀνδρέου μετὰ Ἰακώβου καὶ Ἰωάννου.
> ἡ δὲ πενθερὰ Σίμωνος κατέκειτο πυρέσσουσα, καὶ εὐθὺς λέγουσιν αὐτῷ περὶ αὐτῆς. καὶ προσελθὼν ἤγειρεν αὐτὴν κρατήσας τῆς χειρός· καὶ ἀφῆκεν αὐτὴν ὁ πυρετός, καὶ διηκόνει αὐτοῖς.

O verbo ἐξελθόντες, "tendo saído", juntamente com εὐθὺς, "logo", serve para dar continuidade ao relato seguinte e mencionar expressamente a saída da sinagoga (ARANDA, 2017, p. 96-99). A saída da sinagoga, realçada com tenacidade, do advérbio εὐθὺς, "logo", objetiva a ação. O advérbio mostra Jesus agindo sem hesitação, urgente, como ação do Reino que está sendo cumprido em seu ministério de curas e exorcismos (BORING, 2016, p. 952). Mateus nunca utiliza a palavra fora dos paralelos de Marcos, o que sugere a fonte em Marcos, Lucas a elimina por completo. Com o verbo κατέκειτο, "acamada" juntamente com πυρέσσουσα, "com febre", caracteriza a doença, que tinha fama negativa[5]. Conforme Camacho (1998, p. 94), a febre na sua raiz grega relacionada a fogo na casa dos discípulos, também possui significado representativo do zelo violento, que deve ser abandonado quando do seguimento de Jesus.

Segue uma sequência de dois verbos que são importantes do texto por causa das ações que manifestam: προσελθὼν, "aproximando-se" e ἤγειρεν, "ergueu ela". Sobre o verbo "aproximando-se" logo vemos que manifesta uma ação que se abre para o contínuo, como uma ação divina[6].

No v. 31b, encontramos ἤγειρεν αὐτὴν, "ergueu ela". Em Marcos, este verbo reaparece quando o anjo diz às mulheres que Jesus "ressuscitou". Conforme Pikaza (2012, p. 263) o verbo sugere a impotência da sogra diante da iniciativa de Jesus em levantá-la, traduzindo com Mc 16,6, como gesto de evocação pascal. Na maioria das ocorrências[7], o verbo está relacionado à ressurreição das pessoas e do próprio Jesus. Aqui em nosso texto,

[5] Exemplos: "Javé te ferirá com tísica e febre" (Dt 28,22) que na LXX se traduz com a mesma palavra do grego; "Sendo consumida pela febre" (Sl 38,7); "meu corpo que queima de febre" (Jó 30,30); "Mandará uma febre que como fogo, queima os corpos deles" (Is 10,16). No texto de Lv 26,16, da LXX, não se usa a palavra grega πυρετὼ, mas no texto de Dt 28,22 em que se usa o πυρετὼ, o correspondente no hebraico רִחָֽר é o mesmo que o do Levítico.

[6] Seu campo semântico se estende desde aproximação das pessoas a Deus em Hb 7,25; 11,6 ou com o significado de "chegar" em Mt 8,19.

[7] O campo semântico do verbo ἤγειρεν pode ser encontrado entre: acordar, despertar alguém como em At 12,7. Ser acordado, despertado como em Mt 25,7. Fazer erguer, pôr em pé alguém como em At 10,26 e é ligado ao significado de ressuscitar (1Cor 6,14). Utilizado para se referir ao Batista (Mc 6,14-16 e 12,26); para indicar a ressurreição do homem em geral em 14,28, e em 16,6 para a ressurreição de Jesus.

o verbo refere-se ao movimento de pôr para cima, com o tempo para devolver a força e energia vitais.

Diferente dos outros sinóticos, em Marcos, encontramos: κρατήσας τῆς χειρός, "segurando pela mão". O verbo κρατήσας, "prender, deter, agarrar" a si, quando aparece, na maioria das ocorrências encontradas, tem como agente o ser humano; em outras, como Ap 2,1, e 7,1 é o ser divino ou seus mensageiros. A expressão, κρατήσας, "segurar" ou "agarrar", ocorre seis vezes no Novo Testamento (Mt 14,3; 18,28; Mc 1,31; 5,41; 9,27 e Lc 8,54), sendo que todas as vezes em que o agente é Jesus, está relacionado à cura. "Ergueu ela, segurando a mão": expressa-se como um pleonasmo que, conforme Silva (2009, p.157), revela a fonte do texto como de um observador mais familiar e por sua vez seu caráter oral. A palavra "mão", nas demais ocorrências, igualmente, carrega mais um sentido de cuidado de Deus para o seu povo, que ações humanas (BORN, 1971, p. 935-936) e (LOUW; NIDA, 2013, p. 89).

No versículo 31b, encontramos ἤγειρεν αὐτὴν, "ergueu ela". O genitivo também se encontra em Mc 5,41 "tomando a mão da criança"; e em 9,27 "Jesus, porém, tomando-o pela mão ergueu-o". Em Marcos, para se referir às mulheres que foram encontrar Jesus no túmulo (16,6), encontramos o mesmo verbo. A mulher acamada, deve ser levantada, mas depois, ela mesma toma a iniciativa de sua casa, onde realiza o serviço. No dia de Cafarnaum, Jesus cura o endemoninhado na sinagoga e a sogra na casa, mas somente a mulher é levantada, somente ela tem o verbo de ressurreição e como tal pode servir na casa (PIKAZA, 2012, p. 263).

Destaca-se, ainda, o verbo διηκόνει, "servia". Observamos que o tempo original do verbo servir sugere uma ação contínua em contraste com os tempos pretéritos dos outros verbos do contexto (BECK, 2019, p. 77). Segundo Aranda (2017, p. 57), tal serviço, acontece em Marcos em momentos-chave da narração, tais como: apresentando a identidade de Jesus (10,45), o trabalho das seguidoras femininas (15,41) e no prólogo (1,13) é o verbo que se refere à atividade dos anjos que serviam a Jesus no deserto.

Conforme Perego (2011, p. 57), na maioria dos casos encontrados, o sujeito é a pessoa, depois de uma ação de cura ou do chamado de Deus, e da ação de Deus que ressuscita o seu Filho. Conforme Pikaza (2012, p. 263), ela serve como que inaugurando o primeiro serviço cristão. Se observarmos o contexto maior, do chamamento dos discípulos, desde 1,16-20; depois em 2,14-15 e 3,13-18, com o serviço da sogra, podemos perceber o tema do discipulado como serviço de uma nova comunidade. Também é na casa (Mc 3,31-32), que Jesus, olhando ao redor, declara serem sua verdadeira família uma nova comunidade, não por laços de sangue, mas por fazerem a vontade de Deus (BORING, 2016, p. 953).

A utilização pelo autor do verbo ἐξελθόντες, "tendo saído", juntamente com εὐθὺς, "logo", objetiva a ação de Jesus em par de opostos no dia de Cafarnaum em curas na instituição e na casa. Em seguida προσελθὼν, "aproximando-se" e ἤγειρεν, "ergueu ela", na perspectiva da manifestação de Jesus, é a aproximação de Deus que cura pelo toque, que levanta em sentido de salvação. Somente depois de levantada, é que a sogra pode oferecer o serviço: διηκόνει, que é interpretado para além do doméstico e aponta para o ser cristão.

4.3 Em Mateus, o serviço a Jesus qualifica o discípulo

Diferente de Marcos, o relato da cura da sogra de Pedro em Mateus não é precedido pela saída da sinagoga. A perícope está situada depois do sermão da montanha, que abre a seção dos dez milagres iniciais e termina com a cura do mudo em Mt 9,32-34. Assim, temos o Reino anunciado pela palavra nos capítulos 5-7, e o Reino realizado pelas obras nos capítulos 8-9. Conforme Fabris e Barbaglio (2014, p. 152), no final do relato da cura da sogra de Pedro, Mateus inseriu o texto do "servo sofredor" de Isaías 8,17 que tomou sobre si as enfermidades dos seres humanos, como manifestação daquilo que era profecia.

No texto de Mateus o uso do verbo ἐλθὼν, "tendo ido", com o acusativo de lugar εἰς τὴν, "para a", como no sentido literal "para entrar em", aponta para uma ação divina, como manifestação messiânica.

O verbo εἶδεν que, na tradução formal, significa "viu", só é utilizado por Mateus e significa tornar-se consciente como em Mt 27,54. O campo semântico se estende ao ter visão, percepção, interesse em ajudar (LOUW; NIDA, 2013, p. 249), dentro do contexto de Mateus, conclui-se que significa um conhecer que somente Jesus pode ter acesso, por experiência, prestar atenção, olhar.

Ainda, diferente de Marcos, encontramos a expressão verbal ἥψατο: "tocou". Este verbo, encontra um campo semântico desde tomar posse, erguer, segurar; até o sentido de transmitir poder divino. Se no texto de Marcos a palavra é κρατήσας, "segurar", num sentido de domínio, aqui em Mateus a palavra significa o toque num sentido de transmissão da força (GINGRICH, 1983, p. 861).

A expressão διηκόνει, "servia", verbo indicativo imperfeito, consiste em uma das semelhanças no tempo e voz de Marcos e Lucas, porém com diferenças no pronome que vem em seguida: αὐτῷ, "a ele", no singular. Em Lucas e Marcos o pronome é αὐτοῖς, "a eles". Esta diferença, enfatiza alguns dados da teologia de Mateus; com ênfase em Jesus. O serviço, em Mateus, só encontra sentido quando conformado a Jesus que veio para servir, como em Mt 20,25-28.

Destacam-se no texto o movimento de Jesus em gestos de proximidade como o "ver" de Jesus, como Deus próximo da existência humana, pela abertura cordial, que perdoa e salva (SPINETOLLI, 1983, p. 261); e como aquele que precede e se aproxima (FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 40 e 57).

4.4 Em Lucas, a força da palavra que gera vida e seguimento

O texto de Lucas situa, na primeira parte do evangelho, a atividade de Jesus na Galileia (Lc 3,1–9,50). A unidade onde se encontra o relato da sogra de Pedro está na seção da primeira atividade de Jesus na Galileia, de 4,14 até 5,16, sendo que o relato é precedido do anúncio do programa de Jesus na sinagoga da Galileia (4,14-30), e é sucedido pela pesca milagrosa (5,1-11), e pela purificação de um leproso (5,12-16). Em Lucas, os primeiros milagres estão a serviço do seu projeto teológico, ao reforçar que a salvação prometida por Deus, anunciada na sinagoga de Nazaré, se cumpre na sua pessoa em ações taumatúrgicas (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 59).

No Evangelho de Lucas, a cura da sogra de Pedro apresenta algumas diferenças em relação a Marcos. O verbo utilizado por Lucas para a saída da sinagoga é *ἀναστὰς*, "levantando-se", referindo-se a Jesus.

Diferente de Marcos e Mateus, πυρετῷ "a febre" é caracterizada por μεγάλῳ "grande"; "alta". Conforme Louw e Nida (2013, p. 244), Lucas caracteriza as condições pelas quais estava com febre, "estar reclusa" e Marcos prefere a síntese "estar febril", como alguém que está a arder com febre. Já μεγάλῳ serve para caracterizar a doença, atitude própria do estilo de Lucas.

Outra importante característica presente apenas em Lucas é a ação de Jesus como a de ἐπιστὰς ἐπάνω, "aproximando-se sobre". A expressão ἐπάνω, "conduzir" manifesta tanto a ação de conduzir, como a de envergar, como um exercício de uma autoridade que se abaixa (Lc 19,17) (RUSCONI, 2003, p. 181).

A ação de Jesus sobre a febre com o verbo ἐπετίμησεν, "repreendeu": expressa a ordem de Jesus sobre a πυρετῷ, "febre", com o significado de soltar, libertar. O verbo usado por Lucas, como uma ordem expressa de exorcismo, sustenta a crença da antiguidade que a febre era causada por demônios.

A expressão verbal διηκόνει, "servia", com o pronome αὐτοῖς, "a eles" dá sentido à expressão como "servia a eles". Em Lucas 8,3, ao relatar sobre as discípulas de Jesus, com διηκόνουν, "serviam" descreve que as mulheres o "serviam com seus bens".

Em Lucas, a cura da sogra de Pedro, tem um forte apelo à palavra de Jesus, opera com eficácia, autoridade e força (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 59-61). Lucas utiliza o verbo ’αναστὰς, "levantando-se", para a reação da sogra que, diferente de Marcos se levanta por si mesma. A palavra manifesta força de salvação.

Ainda, segundo Bovon (1995, p. 321), a reação de Jesus é diferente em Lucas em relação a Marcos. Colocar-se "por cima dela" não significa simplesmente um gesto de proximidade, mas uma ação que proporciona o ato de exalar o "sopro" salvífico.

5 Aspectos Teológicos

5.1 Principais aspectos encontrados no texto

Entre os elementos principais da teologia de Marcos, Perego (2011, p. 12-16) alerta aos leitores verificar camadas teológicas existentes na tradição. Em nosso texto se destacam: o tema do Reino[8] de Deus representado nas ações de cura, e o discipulado, no ambiente geográfico da Galileia, como símbolo do chamado aos pagãos.

Conforme Boring (2016, p. 953), Marcos é o evangelho dos discípulos e seguidores, como chamados a uma nova comunidade. A expressão: "e ela os servia" (Mc 1,31), significa o serviço como equivalente ao seguimento (CAMACHO, 1998, p. 95). A primeira ação de poder é o chamado dos discípulos (1,16-20), como um Israel renovado, o povo de

[8] Aqui também, conforme Fitzmyer (2018, p. 65-67), o tema do Reino de Deus é o núcleo. Tudo o que é ensinado sobre a identidade de Jesus e o discipulado como resposta a essa identidade recebe sua estrutura no Reino de Deus.

Deus. Mas parece que os discípulos não entenderam, mesmo assim, são considerados a verdadeira família de Jesus (3,34-35). A escolha dos doze é símbolo da renovação de Israel.

A saída da sinagoga pode nos apontar, por meio do par de opostos, a relação entre judaísmo e a nova família proposta por Jesus, uma família com origem não na raça, porém mais extensiva como em Mc 3,31-35 (GNILKA, 1999, p. 22).

O gesto de Jesus em tomar a mulher pela mão, levantando-a, unindo-se ao sentido de ressurreição, apontam para a salvação oferecida, uma antecipação da vitória sobre a morte (PIKAZA, 2012, p. 263). Assim, a expressão ἤγειρεν pode ter sido colocada em recurso de prolepse porque será retomada na perícope da ressurreição, Mc 16,6, completando o projeto narrativo de Marcos, e apontando para um significado teológico e posteriormente eclesiológico do levantar.

5.2 Os Discípulos, comunidade dos que foram levantados

Os resultados da análise apontam διηκόνει, "e servia a eles", como uma ação em tempo contínuo, portanto mais ampla que um serviço realizado num dia, numa mesa, conforme nos afirma Voigt (2014, p. 150). De igual modo, as abordagens mais recentes acabam confluindo para o significado de seguimento, principalmente se confrontado com Mc 10,42-45, em que se verifica o serviço dos discípulos. Se o seguimento é um tema fundamental em Marcos, e Jesus é apontado como aquele que serve, a relação entre os discípulos e Jesus está fundamentada também neste termo.

Conforme Soares *et al.* (2012, p. 21), a casa é o centro da atividade missionária na Galileia, é o lugar onde os discípulos "se levantam" e põem-se a servir (1,31; 2,13-14). É na casa que os discípulos compreendem (4,11) aquilo que as multidões não entendem (4,33-34). A casa, é também símbolo de todos os discípulos cristãos, que são chamados a se conformarem a ele tornando-se membros da sua família espiritual (PIKAZA, 2012, p. 145).

Se o primeiro milagre de Jesus acontece em uma casa, a morada de discípulos, na sequência de um chamado de discípulos; conforme Aranda (2017, p. 225), a saída da sinagoga reflete a legitimação da morada como lugar da nova identidade. As casas amplas dos primeiros cristãos, se tornaram espaços onde se incorporavam os gentios e se reafirmava a identidade de membro.

6 Hermenêutica

6.1 A saída da sinagoga, para levantar e curar

Ao examinar, no texto, a expressão ἐκ τῆς συναγωγῆς ἐξελθόντες, "tendo saído da sinagoga foram", afirma-se, com a sinagoga, a origem e a procedência, como um sair de "dentro para fora". Sair é penetrar num novo espaço, a casa, que no evangelho de Marcos é o lugar dos discípulos, mas também lugar da intimidade, da família, de relações pessoais e imediatas (SOARES *et al.*, 2012, p. 83). O espaço da sinagoga, representa o público e o

espaço da casa, o privado. Na sinagoga, vai se amadurecendo a oposição e o confronto, na casa o ensinamento e a revelação (PEREGO, p. 60).

Assim propomos atualizar o conceito de saída da sinagoga com o atual magistério da Igreja, especialmente nos últimos anos a partir do pontificado do Papa Francisco que apresentou a metáfora "igreja em saída" e vem reafirmando-a em seus discursos e ações. Em seguida, aproximamos o gesto de levantar a mulher doente: ἤγειρεν αὐτὴν, "ergueu ela", como narrativa iluminadora do autêntico discipulado como ministério dos que foram levantados. Por fim, reconhecemos, nos gestos simbólicos em defesa da Igreja do "povo de Deus", o resgate de categorias teológicas da missionariedade e igual dignidade, presentes na atitude da mulher doente que, após curada, διηκόνει, "servia".

6.2 "Igreja em saída", uma metáfora

A partir dos documentos pontifícios da primeira metade do século XX, passando pelo Concílio Vaticano II e pela *Evangelii Nuntiandi*[9] de Paulo VI, foi-se desenvolvendo o conceito de saída a partir da reflexão sobre a própria iniciativa missionária do Deus misericordioso, que saiu primeiro. Isso foi determinante para o Papa Francisco que muito contribuiu para o texto da Conferência de Aparecida e em consequência para a *Evangelii Gaudium*[10].

O conceito de "saída" como conversão pastoral desafia todos os níveis da vida eclesial, que sempre disposta a rever suas estruturas administrativas, em vista da transmissão do evangelho, deve contar com a contribuição de todos os cristãos na organização da Igreja. A partir da análise de textos bíblicos o Papa expõe a metáfora da saída presente nas narrativas de Abraão, Moisés e Jeremias (Gn 12,1-13; Ex 3,10; Jr 1,7; Lc 10,17), e no final do texto da jornada de Cafarnaum, a decisão de Jesus em ir a outros lugares, nas aldeias das redondezas, pois foi para isso que veio (Mc 1,38), e afirma que a tarefa de sair é uma fidelidade ao Mestre que saiu primeiro e conclama pela sua palavra sempre dinâmica, os seus seguidores a mesma iniciativa (FRANCISCO, 2019, p. 17-19). A saída, não pode ser entendida apenas como tarefa, mas consequência do ser discípulo. Em nosso texto, da sogra de Pedro, o serviço acontece depois da cura (Mc 1,31), o discipulado vem depois da salvação, depois que descobriu como sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14) e de fato assumiu a condição de corpo místico de Cristo, a santidade como povo santo de Deus, que tem como paradigma Maria como realização da existência cristã e as mulheres no serviço de Jesus. A igreja é comunhão de libertos para a vida nova (CNBB, 2016, p. 71).

Reiteradas vezes, no seu discurso, o Papa Francisco afirma que não pode existir uma igreja interna para os clérigos e outra externa para os leigos, mas todos responsáveis pela sua missão. Afirma ainda que a igreja não é visível como unidade apenas quando estão

[9] Conforme Coda (2019, p. 48-49), o documento do Papa Paulo VI foi um dos primeiros depois do Concílio do Vaticano II, onde o pontífice consegue "ler com penetrante discernimento evangélico as vias que a missão da igreja é chamada pelo Espírito a compreender no contexto plural do nosso tempo".

[10] Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, de 24 de Novembro de 2013.

reunidos, os pastores e os clérigos, mas também quando os leigos estão presentes nas realidades, como: trabalho, casa e nas questões sociais (REPOLE, 2018, p. 63-67).

6.3 Curada para servir

Conforme Perego (2011, p. 61) os verbos ἤγειρεν, "levantou-se" e διηκόνει, "servia", apresentam-se como dois verbos centrais. O primeiro, como ação de ressurreição, exemplo no caso da filha de Jairo Mc 5,41 e, o segundo, afirmando momentos chave da narração marcana, ilustrando a identidade de Jesus referindo-se ao mistério pascal como em Mc 10,45, fundamentando no grupo interno dos discípulos as seguidoras femininas, conforme Mc 15,41. A palavra, serviço como verbo de significado contínuo aponta para uma ação além do milagre, sugerindo o seguimento. Segundo Beck (2019, p. 78), o seguimento de uma mulher em um serviço que não se restringe a um gênero, mas a um ministério de todos, como povo de Deus na sua igual dignidade.

Diante disso, a partir da conversão pastoral de uma Igreja em saída, torna-se urgente reconhecer a dignidade de todos os fiéis como corpo místico de Cristo, favorecendo a contribuição de todos os cristãos para que homens e mulheres sejam sinais do anúncio e da caridade oferecidos pelo Evangelho. Retoma-se o ensinamento do capítulo II da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, onde não se pode compreender uma igreja de clérigos e outra de leigos, como se a ação dos leigos se realizasse somente nas atividades fora da igreja. Assim, a Igreja não se restringe apenas no ato do "reunir-se", mas também onde estão todos os membros em todas as realidades (REPOLE, 2018, p. 65-67).

7 Considerações finais

O texto situado na jornada de Cafarnaum se encontra no Evangelho de Marcos, após o episódio do chamado dos primeiros discípulos. Entre milagres, exorcismos e curas, na etapa da apresentação do Messias, Jesus em movimento da sinagoga para casa se aproxima da sogra de Pedro e, tomando-a pela mão, realiza a cura que, em seguida, capacita a mulher a servir.

Ao levantar a mulher pela mão, encontramos o verbo de ressurreição para a ação de Deus na história da salvação em levantar os que jazem. O verbo aponta para a ressurreição de Jesus em antecipação da vitória sobre a morte, que terá mulheres como testemunhas em Mc 16,6: "ele ressuscitou".

A sogra de Pedro, depois de curada, coloca-se a serviço. O verbo em ação contínua amplia para um campo semântico que indica a identidade dos discípulos. Ela representa os primeiros servidores de Jesus

O conceito de "igreja em saída" é fruto do magistério da igreja a partir da segunda metade do século XX, como atitude integral não somente de missionários nomeados, mas da totalidade dos cristãos. A igreja desde os primórdios foi missionária, mas nos últimos decênios tem procurado reinterpretar e reelaborar a tarefa da expansão do Reino dentro das realidades sociais em mudança.

O serviço da sogra de Pedro, realizado depois da cura, é paradigma da evangelização, pois curados, os que se aproximam de Jesus e do Reino se tornam discípulos e discípulas. O serviço da sogra de Pedro se insere na categoria de povo de Deus, o povo santo de Deus, como nos ensina o Papa Francisco. Os atingidos pelas curas de Jesus em gestos de misericórdia e compaixão, se tornam autênticos servidores em atividade contínua em todas as realidades, para anunciar o evangelho do Jesus, o Filho de Deus.

Referências

ARANDA, Pedro. *La casa, espacio di memoria e identidad en el Evangelio Según Marcos.* Navarra: Verbo Divino, 2017.

ALAND, Barbara.; ALAND, Kurt.; METZGUER, Bruce M. *O Novo Testamento Grego.* 5. ed. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri, 2018.

BARTOLOMÉ, Juan José. Resenha da Pesquisa Crítica sobre os Milagres de Jesus. *In*: AGUIRRE, R (prg.). *Os Milagres de Jesus.* São Paulo: Loyola, 2009, p. 13-50.

BECK, Tomaso; BENEDETI, Ugolino; BRAMBILLASCA, Gaetano; CLERICI, Filippo; FAUSTI, Silvano *Uma Comunidade lê o Evangelho de Marcos.* Brasília: Edições CNBB, 2019.

BORN, A. V. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia.* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio.* Uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018.

BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento:* História Literatura e Teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016.

BOVON, François. *El Evangelio Segun San Lucas I (Lc 1,1–9,50).* Salamanca: Sigueme, 1995. v. 1.

CAMACHO, F.; MATEOS, J. *Marcos.* Texto e Comentário. Paulus: São Paulo, 1998.

CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade.* Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14). Edições CNBB: Brasília, 2016.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I.* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II.* São Paulo: Loyola, 2006.

GINGRICH, Felix Wilbur. *Lexicon of the Greek New Testament.* 2nd ed. Chicago: Chicago Press, 1983.

GNILKA, Joachim. *El Evangelio Segun San Marcos.* Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987. v. 1.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento:* História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2.

KUMMEL, Werner. *Introdução ao Novo Testamento.* 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento, baseado em domínios semânticos.* Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri, 2013.

MEIER, John P. *Um judio marginal.* Nueva visión del Jesus histórico. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2000. v. II/2: Los milagros.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos.* 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012.

PEREGO, Giacomo. *Marco:* introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2011.

PIKAZA, Xavier. *Evangelio de Marcos.* La buena notícia de Jesus. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2012.

REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das Mãos:* curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Goiás: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

REPOLE, Roberto. *O Sonho de uma Igreja Evangélica.* A Eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2018.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento.* São Paulo: Paulus, 2015.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Marcos.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica.* São Paulo: Paulinas, 2009.

SPINETOLLI. *Mateo.* Il Vangelo della Chiesa. 6. ed. Assisi: Cittadela Editrice, 1983.

TAYLOR, Vincent. *Evangelio Según San Marcos.* Madrid: Cristiandad, 1979.

VOIGT, Emílio. *Contexto e Surgimento do Movimento de Jesus:* as razões do seguimento. São Paulo: Loyola, 2014.